

O LIVRO DE RUTE

À LUZ DO MÉTODO HISTÓRICO CRÍTICO

José Luiz Gonzaga do Prado

O documento da Pontifícia Comissão Bíblica que comemora os cem anos da “Providentissimus Deus” e os cinquenta da “*Spiritus Paraclitus*” (abril de 1993), aponta o método histórico crítico como indispensável para o estudo sério da Bíblia. Fala das origens do método, de sua evolução e dá-lhe também uma descrição simples e clara¹.

Essa descrição vai guiar nossa busca. Analisaremos o livro de Rute por cada uma das oito etapas em que o Documento descreve o método. Assim esperamos chegar a algumas conclusões que fundamentem a abertura para as diferentes e possíveis hermenêuticas, abordagens ou leituras.

1. *Crítica textual.*

A transmissão do texto parece ter sido tranqüila e não deixou grandes problemas. Além de uns poucos *qeré* coerentes, vez por outra, as antigas traduções divergem do texto massorético sem, contudo, alterar-lhe consideravelmente o significado.

Assim é que em 1,14 onde o TM diz “Orfa beijou sua sogra”, a LXX diz “voltou para o seu povo”, interpretando sem dúvida a rica singeleza do TM. Já em 2,7 a LXX parece apoiar-se em texto mais coerente. Diz “não descansou no campo” onde o TM diz confusamente “este sentar dela a casa”. A tradução Siríaca em 3,14 também parece melhor do que o TM. *Š* diz “vieste à minha eira” onde o TM diz “veio uma mulher à minha eira”. Em 4,8 onde o TM diz apenas “tirou as sandálias”, LXX acrescenta “e lhe entregou”. Já no v. 10, a LXX parece bem melhor. Diz “para não cortar o seu nome... das tribos do seu povo”, onde no TM consta “das portas do seu lugar”. Há um pouco mais, nada, porém, de grande relevância.

2. *Crítica lingüística.*

Aqui, dificilmente se pode ser exaustivo. “É uma obra de arte, produzida por mãos de mestre, e pertence aos trechos melhor escritos da Bíblia”². “A linguagem é da boa época da monarquia; o estilo, simples e polido, a beleza da narrativa, a pintura viva... colocam Rute entre os melhores modelos da prosa narrativa do Antigo Testamento”³. N. K. Gotwald⁴ afirma que “a narrativa na sua forma final não deve ser posterior à monarquia unida”. Outros autores já consideram sua linguagem posterior à do livro de Jeremias e dos Reis.

Os poucos aramaismos e o relativamente grande número de neologismos⁵, entretanto, fazem os melhores autores atuais pensarem em época pos-exílica.

Além disso, logo na primeira frase, apontando, sem dúvida, para o horizonte do escrito, há uma aparente tautologia: “No tempo de *x^ephot haxxoph^etim*, literalmente, “de julgarem os juizes”. Pode-se perguntar: Quando não é tempo de juizes julgarem?

O verbo (*xpht*) significa governar, dar as decisões, sem distinção de judiciário, legislativo e executivo. O substantivo (*xoph^etim*) pode ser e, de certa forma, (no capítulo 4) é substituído por *ziq^enim*, anciãos, chefes ou líderes familiares que formavam o Conselho local ou tribal. Esse era o governo efetivo, sem a figura do rei ou governante

¹ Pontifícia Comissão Bíblica, A INTEPRETAÇÃO DA BÍBLIA NA IGREJA, Paulinas, São Paulo 1994, p.41-43.

² HERTZBERG Hans Wilhelm, *Die Bücher Josua, Richter, Ruth*, Vandenhoecht & Ruprecht, Göttingen, 1959, p. 259.

³ Pontifício Instituto Bíblico, BÍBLIA SAGRADA, Edições Paulinas, São Paulo, 1967, p. 274.

⁴ Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica, Edições Paulinas, São Paulo 1988, p.513.

⁵ Lusseau H., em INTRODUCTION A LA BIBLE, Desclée, Paris, 1959, Tomo I, p. 670, enumera seis neologismos inexplicáveis em época anterior ao exílio.

único e absoluto, no distante tempo ideal da estória. O poder familiar coletivo é que encarnava o verdadeiro reinado ou governo de Deus.

1,1 ainda, “há fome na terra (de Judá, evidentemente) e um senhor, da Casa-do-Pão de Judá, vai migrar”. Belém de Judá é a “Casa-do-Pão” de Judá e, em contraste evidente, está havendo “fome na terra” de Judá.

Referindo-se à saída de Elimelec e sua família de Judá para os campos de Moab usa-se a raiz *gwr*, migrar, quando, porém, a moabita Rute se encontra em Judá, em 2,10, ela se diz *n^ok^rriya*, uma estranha, forasteira, não (*ger*) migrante, ela veio para ficar.

Os nomes próprios e seus significados são bem destacados em todos os comentários. Gostaria apenas de apontar um pequeno detalhe, o sufixo possessivo da primeira do singular nos nomes do casal: “Meu Deus é Rei” esposo de “Minha Doçura”. Isso dá um tom de intimidade respeitosa, da intimidade familiar que percorre todo o texto. O mesmo sufixo possessivo traduz frequentemente o carinho com que Rute é chamada de “minha filha”, tanto por Noemi, quanto por Booz, e o respeito com que Rute o chama de “meu senhor”.

O percurso dos personagens justifica seus nomes. Elimelec, “Meu Deus é rei” morre, como morreu o tempo em que os anciãos é que decidiam ou governavam. Mahalon (Doença) e Kelion (Fraqueza), os filhos de “Meu Deus é Rei”, também morrem, evidentemente. Rute, “amiga”, se agarra em Noemi e faz-lhe sua bela profissão de fidelidade em 1,16-17. Booz é “forte” ou “valoroso”, insinuado por 2,1 (*gibbor hayil*) e entendido como corruptela de *ba'al 'az*, “senhor ou marido poderoso”¹, forte apoio para as viúvas pobres e sem filhos. Noemi, “Minha Doçura”, quando volta para Belém, a Casa-do-Pão, sem marido, sem filhos e sem netos, diz chamar-se agora simplesmente Mara, “Amargura”. Isso reforça a importância do significado dos nomes em toda a estória.

Quando elas chegam a Belém, Casa-do-Pão, é o período da colheita da cevada, matéria prima do pão dos pobres, o pão mais barato. Mais tarde é que virá a colheita do trigo, para o pão mais fino, mais nobre, mais caro.

Booz diz a Rute que ela veio se abrigar sob as asas (*kanap*) de Yahweh (2,12), mais tarde (3,9) é Rute quem pede a Booz que estenda sobre ela a sua aba (*kanap*) do manto.

Chama a atenção, a quem está familiarizado apenas com as formas masculinas dos verbos e dos sufixos pronominais, sentir o sabor das formas verbais e pronominais femininas da segunda e da terceira pessoas, já que personagens principais são as mulheres e elas é que conduzem a narrativa. O texto todo é carregado de sabor feminino.

O livro faz questão de lembrar todas as relações familiares: esposo-esposa, pai-mãe, filha, filho, sogra, nora, cunhada, parente (chamado em 2,20 de “nosso achegado”) e empregados-empregadas, chamados não de servos-servas (*'bd*), mas de meninos ou meninas (*n' r*). O clima de solidariedade percorre todo o livro.

Duas raízes ligadas à teologia do exílio e do retorno, *x'r*, restar, resto, e *xwb*, voltar, volta, são relativamente freqüentes e sempre se referindo ao que restou da família na migração em Moab e à volta para a terra de Judá. (1,3.5.6.7.8.10.11.12.15.16.22).

Há também uma insistência na nacionalidade de Rute, sempre chamada de a moabita.

3. Crítica literária (fontes).

Não se encontra em todo o livro, até o seu final, nenhum indício de cesuras ou de costuras de fontes diversas. O livro todo, afora o acréscimo final, é uma unidade

¹ Ou, segundo o programa eletrônico Bibleworks, “rapidez”. A raiz *b'z* não é encontrada nos dicionários. O mesmo nome próprio Booz é dado a uma coluna do templo de Salomão (1Rs 7,21) que ficava ao lado de outra chamada *yakin*, “firmou, estabeleceu”.

inteiramente coerente. O parêntese arqueológico de 4,7¹ nada tem de acréscimo redacional. Apenas confirma, isso sim, a distância de tempo entre o, os, a ou as autoras e a época da narrativa, pois o antigo costume já não era conhecido. Dt 25,9 supõe esse costume, mas aí é a cunhada que tira à força a sandália do *goel* que não quer cumprir sua obrigação. Rute ou o deuteronomista, qual dos dois seria anterior? Ou os dois estariam dependentes, independentemente, da mesma antiga tradição? Essa mesma tradição ou ritual não estaria presente em Am 2,6: “Eles vendem o justo por dinheiro, o indigente por um par de sandálias”?

É bom esclarecer que aqui as duas instituições, levirato e goelato, estão conjugadas como se fossem a mesma coisa. Ambas significam a solidariedade dentro do clã e segundo De Vaux², são herdadas do nomadismo. O *go'el*, que a Bíblia da Editora Vozes traduz por “fiador”, poderia ser fiador do sangue, vingador do assassinato, ou o fiador, resgatador da propriedade (Lv 25,24 ss.). Havia uma escala de proximidade de parentesco para determinar quem seria o “fiador”. O objetivo do fiador da propriedade era manter a propriedade dentro do clã. Quanto ao levirato (Dt 25, 5-10), a obrigação de se casar com a viúva sem filhos para dar um filho ao seu primeiro marido, era apenas do cunhado, não de outros parentes.

Apenas o final, 4,17b-22 parece mal acoplado ao restante. 17a dizia: “As vizinhas deram-lhe um nome dizendo: ‘Nasceu um filho para Noemi’”. Seu nome seria, então, algo como “Filho-para-Noemi”. 17b, entretanto, diz que elas lhe deram o nome de Obed, “servidor”, nome cujo significado parece escapar do contexto literário do livro. Ou seria uma referência simplesmente histórica, ou seja, esse seria realmente o nome do avô de Davi? Assim sendo, o seu significado não teria grande importância para o valor temático da novela.

E os versículos 18-22 parecem colados de 1Cr 2,5.9-15. Isso, além de ignorarem, esses versículos, a lei do levirato, tão fundamental para a narrativa toda, não levando em conta que, segundo essa lei, o filho é de Elimelec, ou de seu filho Maalon, primeiro marido de Rute, e nunca de Booz. Aliás, as vizinhas já haviam dito que o filho era de Noemi.

Não exatamente como fonte, mas por afinidade de pensamento, Rute se aproxima, e muito, do Terceiro Isaías, que chega a colocar não judeus (66,21) como sacerdotes e levitas, em linha de pensamento totalmente contrária à de Esdras e Neemias.

Haveria alguma dependência (pelo menos quanto à inspiração) de Is 16, 1-5? Caso positivo, a referência a Davi seria essencial ao livro. Jamais, porém, se pode dizer que o poema de Isaías fosse uma fonte ou tradição da qual a novela dependesse.

4. *Gênero literário.*

Herzberger (*o. c.*) parece lamentar que o livro não tenha sido escrito em versos. Alguns o classificam como idílio. A classificação mais comum, porém, o coloca no gênero da novela, uma novela breve³, quase um conto, simplesmente. Como diz Alonso Schoekel (*Bíblia do Peregrino*), novela ou conto, que, em sua sobriedade, poderia inspirar um drama em quatro atos.

Outros preferem ver o livro de Rute como midrax, gênero comum na literatura rabínica. Não seria exatamente o midrax clássico, comentário pragmático, palavra por palavra, de um texto bíblico. Seria mais uma alegoria das tradições do período tribal, o tempo ideal do livro, da monarquia, quando morreu o reinado de Deus, do exílio e, se a reconstrução no pos-exílio é a época do livro, estaria sugerindo respostas para as

¹ “Este era o antigo costume de Israel a propósito da redenção e dos negócios em geral: para garantir a palavra, o sujeito tirava a sandália e entregava ao comprador. Este era o costume em Israel”.

² DE VAUX R., *Les Institutions de l'Ancien Testament*, les Éditions du Cerf, Paris, 1958, p. 15-65.

³ Outras novelas bíblicas mais longas seriam a de José do Egito, as de Tobias, de Judite, de Ester, cada uma com suas características.

questões atuais (discriminação dos gentios, o modelo de governo centralizado, seja com submissão ao império persa e um bom gerente, ou o sonho de restauração da monarquia davídica com Zorobabel).

5. *Crítica das tradições.*

Como o livro é um todo unitário e coerente, não é possível, como em outros, identificar textos que lhe teriam servido de fontes e, muito menos, tradições anteriores a esses textos. O fato de uma família de Judá migrar para Moab, o além Jordão, e depois voltar para Judá, nada teria de excepcional e pode ter acontecido até mais de uma vez.

6. *Crítica da redação.*

Como não se devem supor fontes ou tradições anteriores específicas, a única observação quanto à redação do livro é que ela fez de um fato, possível ou real, e sem grande importância, uma estória repleta de significados, através de uma redação esmerada. O fato, em si corriqueiro, adquiriu importância pela beleza e capricho da composição do relato, especialmente se visto como alegoria ou midrax da tradição do povo, desde o período tribal até a restauração pos-exílica.

A referência à genealogia de Davi, estranha ou não ao escrito original, deu à novela a importância que, além da força de sua beleza e sua mensagem, talvez a tenha colocado no cânon.

7. *Estudo sincrônico.*

Um conto, uma novela, uma breve narrativa, uma notícia, um poema, qualquer escrito, de qualquer gênero, nem hoje, muito menos naquele tempo, é produzido tão somente para deleite dos leitores, como já foi dito a respeito de Rute. Sempre há uma motivação prática, uma propaganda ideológica, poderíamos dizer, por detrás de qualquer escrito.

O estudo sincrônico pretende levar-nos a descobrir qual o significado do livro para seus primeiros leitores e, assim, nos ajudará a ver como foi espelho para a época e as circunstâncias em que foi escrito. A partir daí ele poderá ser espelho para nós e iluminar a nossa realidade de hoje.

Para que se possa fazer um correto estudo sincrônico é, evidentemente, indispensável situar com clareza o escrito em seu tempo. Daí depende tudo.

Os autores mais antigos em geral colocam o livro de Rute na época da monarquia, talvez até da monarquia unida. Hoje, a maioria dos estudiosos prefere situá-lo no período persa, no esforço de reconstrução da nação judaica.

Se ele se situa no período da monarquia e da monarquia unida, antes, portanto da morte de Salomão, como quer também N. K. Gotwald, seu significado entra de cheio na polêmica antimonárquica como se vê em 1Sm 8, que, sendo deuteronomista, seria posterior. Assim, com a monarquia, morreu o reinado de Deus, que acontecia quando “os juizes julgavam”, quando as decisões eram tomadas pelos anciãos ou líderes familiares à porta das aldeias. Todo o clima familiar do livro, a presença, a atuação e a força das mulheres, tudo valia, quando Elimelec estava vivo, quando Deus era efetivamente o rei através das naturais autoridades e das tradições familiares de solidariedade. A vida não era amarga como hoje, “Minha Doçura” era a verdadeira companheira de “meu Deus é rei”.

Os filhos de “Meu Deus é rei”, porém, eram frágeis e, por isso, morreram. Estaria aí a razão do fim do sistema político organizado em torno da família e da solidariedade com os pobres expressa na lei que deixa para eles a cata ou rebusca das lavouras (Lv 19,9 s.). A fragilidade do sistema apareceu, na tradição bíblica, na luta contra os filisteus, que exigiu um comando único. O comando militar único tornou-se monarquia, aí “meu Deus é rei” morreu.

A referência à genealogia de Davi (4,17b) teria aqui o significado de uma recuperação da monarquia. Davi é descendente de “Minha Doçura”. Tendo saído do pequeno povoado do clã de Éfrata, Belém (o livro não faz nenhuma referência a Jerusalém), onde ainda funciona a solidariedade familiar, Davi pode ser esperança de que “Minha Doçura” continue viva, que o povo ainda possa ser feliz.

O fato de Rute ser moabita e integrar-se tão bem ao povo através das leis de solidariedade familiar (levirato e goelato), não tem grande significado nessa época, pois era fato normal, até Davi e Salomão tiveram mulheres não judias.

Se, com a maioria dos autores atuais, situamos o livro de Rute na época persa, na volta do exílio e tentativa de reconstrução, todos os detalhes, por menores que sejam, ganham grande significado. Mudarão de destaque se formos capazes de responder a esta pergunta: em que período exato situar o escrito: Na época ou depois de Josué e Zorobabel? Antes de Esdras e Neemias, na época, ou depois deles? Onde exatamente?

A atuação de Zorobabel, neto de Jeconias, rei de Judá, e a esperança que nele colocavam Ageu e Zacarias, podiam alimentar o sonho de se reconstruir a nação sob o poder da dinastia davídica. Mais tarde a postura autocrática de Neemias, um excelente governador, que resolvia sozinho todos os problemas, também insinuava que a concentração de poder nas mãos de uma boa autoridade resolve todos os problemas.

Esdras, Neemias e também Malaquias condenavam como sacrílego o casamento com pessoas não judias. Para Ageu e Zacarias a reconstrução das muralhas e do Templo de Jerusalém e a purificação e reorganização do seu culto seria a solução de todos os problemas, a partir do econômico. “Se trabalham, trabalham e nada conseguem produzir é porque o Templo de Deus e as muralhas da cidade ainda estão em ruínas” era a sua mensagem.

Para Neemias (Ne 5) o problema será social, os mais ricos estão explorando os mais pobres, cobrando juros altos e reduzindo-os à escravidão. Ele, como um bom governante, dá o exemplo e resolve, decreta e impõe um jubileu: devolução das terras, perdão das dívidas e libertação dos escravos.

Nesse contexto todo, o livro de Rute aponta para totalmente outros caminhos. Fome na terra da Casa-do-Pão, a Terra Deliciosa transformada num deserto (Zc 7,14). Exílio ou refúgio lá fora, no além Jordão, fazendo a travessia de Josué em sentido inverso, voltando a ser *ger*, migrante, como o foram no Egito.

“Deus-é-rei” morre como também morrem seus frágeis filhos. A monarquia foi a morte de “Deus-é-rei”. Já não eram os “juizes” ou anciãos que julgavam, já não eram os venerandos dos clãs, que conheciam as antigas tradições de solidariedade, já não eram eles que decidiam, que governavam, morreu o Reinado de Deus. E foi o novo sistema que levou à derrocada do exílio.

A esposa, a fiel companheira de “Deus-é-rei”, era “Minha-Doçura”. Agora viúva, sem filhos e sem netos, é Amargura. Não restou quase ninguém. Apenas ela e sua nora “Amiga” que se lhe agarrou e adotou seu Deus e sua pátria, formavam o resto solidário que retornou. Um resto feminino e misto, uma israelita e uma moabita.

Como ainda era o tempo do governo dos *ziq'nim*, todos os problemas tiveram solução apenas com a atividade das mulheres e o respeito às antigas tradições de solidariedade com os pobres (a cata ou rebusca é dos pobres) e da solidariedade familiar (levirato e goelato). “Minha-Doçura” tem agora um novo filho, nova esperança.

A moabita Rute entrou sem qualquer trauma no povo de Deus, ao contrário do que acontecia sob as ordens de Esdras e de Neemias. O primeiro ‘redentor’ ou *go'el*, que só pensou no seu interesse particular e se esquivou da sua obrigação, nem tem nome, em nada colaborou, desapareceu como tinha aparecido. Mas para impedir o desamparo das duas pobres viúvas, não foi necessária a intervenção de nenhuma grande e dedicada

autoridade como Neemias, era o tempo de *x'phot haxxoph'etim*. A “Amiga” encontrou um “Marido valoroso” (*ba'al 'az*). Era o tempo do reinado de Deus.

Isso tudo, e talvez mais, o livro de Rute devia dizer aos seus primeiros leitores.

8. *Função pragmática.*

Onde estão, tanto nas Igrejas quanto no mundo, os verdadeiros e grandes líderes de hoje? Onde foi parar o sonho de uma democracia verdadeiramente participativa? Cadê a voz do povo? As mulheres se cansaram? Será possível reconstruir as Igrejas e a sociedade a partir de canais de televisão? Como evitar a domesticação das pessoas? A educação tem sido domesticadora ou libertadora? Como fazer para que o povo não seja tratado como objeto, mas venha a ser sujeito e protagonista da história? As instituições religiosas e todos os seus agentes devem promover a submissão ou a consciência crítica das pessoas? Comunhão será sinônimo de submissão? Será possível contribuir para que não seja o mercado, disputa livre da ganância e da vaidade, o governante supremo do nosso mundo? Será possível garantir a sobrevivência dos fracos e incompetentes, ou temos de repetir “ai dos vencidos!”? A discriminação terá de continuar sendo a mola mestra do sistema econômico?

Essas são algumas das perguntas que devemos levantar hoje e para as quais podemos encontrar respostas no livro de Rute. Basta lê-lo com os dois olhos, um na Bíblia e outro na vida.

José Luiz Gonzaga do Prado
Caixa postal 159
37800-000 GUAXUPÉ - MG